A Igreja que nasce do povo pelo Espírito

INTRODUÇÃO

Da mesma forma como Jesus nasceu do povo judeu e do ventre de uma mulher por obra do Espírito Santo, "a Igreja nasce do povo pelo Espírito". De fato a Igreja não nasceu somente do lado aberto de Cristo, mas também do Espírito Santo no dia de Pentecostes.

Se o Espírito Santo aparece como força dinamizadora e orientadora da prática de Jesus Cristo na primeira obra lucana, com maior ênfase Ele aparece como a luz, a força e a presença consoladora da prática e do testemunho dos discípulos de Jesus e das comunidades que surgem pela pregação apostólica no livro dos Atos dos Apóstolos. Os Atos são o Evangelho do Espírito Santo segundo Pedro, Paulo e as comunidades das origens. A atuação do Espírito está intimamente ligada ao surgimento, missão e organização da Igreja de Jesus Cristo. É mister sublinhar esta dimensão pneumatológica da Igreja de Jesus Cristo, seja para resgatar uma fonte inspiradora um pouco preterida pela teologia ocidental, seja para superar o perigo de um cristomonismo eclesiocêntrico, proposto em documentos oficiais da Igreja de Roma, que atualmente querem controlar a criatividade gratuita das Igrejas particulares que nascem da força do Espírito.

A memória bíblica das primeiras comunidades que pretendemos resgatar neste estudo poderá nos ajudar a nos situar frente à responsabilidade que nos é proposta na caminhada pastoral e nas organizações comunitárias, buscando em primeiro lugar sermos fiéis ao Espírito de Jesus Cristo que gerou as primeiras comunidades e a Igreja de Jesus Cristo. Neste estudo, depois de uma pesquisa textual muito simples, pretendemos analisar três temas entre os muitos que Atos sugere, que manifestam a força atuante do Espírito e são bastante discutidos no mundo teológico e pastoral da atualidade: a comunidade de Jerusalém; os ministérios em Atos; a inculturação do evangelho.

1. PESQUISA TEXTUAL DOS TERMOS EM QUESTÃO: ESPÍRITO, COMUNIDADE, IGREJA

O termo ESPÍRITO SANTO, ESPÍRITO DE DEUS, ESPÍRITO DE JESUS, ou simplesmente ESPÍRITO, como identificação da força de Deus derramada em Pentecostes, ocorre 56 vezes em Atos. O termo *ekklesia* (assembléia, convocação do povo de Deus) aparece 25 vezes ao todo, sendo que 3 vezes o termo é usado no capítulo 19 para descrever a assembléia popular de Éfeso, provocada pelos ourives contra Paulo e os cristãos. O termo em sentido "eclesiológico" é usado 20 vezes.

Para identificar a COMUNIDADE em Atos se usam vários termos: *ochlos, arithmós, plethos, hairesis.*

Em At 1,15 o primeiro termo usado para designar o "povo do cenáculo" (as 120 pessoas aí reunidas esperando o Espírito Santo) é *ochlos*. O mesmo termo volta em At 8,6 para identificar o "povo" convertido pela palavra de Filipe em Samaria. Em At 11,24-26 este "povo" é o "povo cristão" de Antioquia, povo que se torna Igreja pelo trabalho evangelizador de Barnabé e Saulo. Foi nesta ocasião, em Antioquia que surgiu o termo CRISTÃOS.

Ochlos (3 vezes em Atos) é uma categoria bíblica muito usada nos Evangelhos e sobre a qual pouco se reflete teologicamente. O termo significa plebe, gente simples, multidão anônima, povo pobre e desprezado, conforme explica Victor Codina em seu livro "seguir Jesus Cristo", p. 105. Nos Evangelhos este povo se admira com o ensinamento de Jesus (Mt 7,28), segue a Jesus (Mt 8,1), Jesus tem compaixão desse POVO (Mt 9,36) e por isso o alimenta com a partilha do pão (Mt 14,14; 15,32). Mas este povo é desprezado pelos líderes religiosos judeus: "Este povinho que não conhece a Lei é maldito" (Jo 7,49). Este POVO é o material que o Espírito Santo anima e renova em Pentecostes, para transformá-lo em comunidade viva do Cristo Ressuscitado. É o núcleo original das Igrejas de Jerusalém (1,15), da Samaria (8,6) e de Antioquia (11,24). Portanto as comunidades das origens pertenciam a esta categoria social bem caracterizada nos Evangelhos – gente simples, povinho desprezado – objetivo da compaixão de Jesus e do desprezo dos fariseus. Desse povo nasce a Igreja pela força do Espírito e pela pregação da Palavra.

O termo *arithmós* (= número) é usado 3 vezes em Atos, para designar o grupo dos cristãos que aumenta e cresce (4,4; 6,7; 11,21) pela conversão e o batismo.

O termo *plethos* (= multidão) é usado 8 vezes em Atos. É nesta "multidão" de discípulos (6,1.2.5) que estoura o primeiro conflito interno que leva à instituição dos diáconos. Duas vezes (15,12.30) está no contexto do Concílio de Jerusalém.

Por fim temos 3 vezes a palavra *hairesis* (= heresia, seita) na boca do pessoal do sinédrio para incriminar Paulo como líder da seita dos nazareus (24,5.14). Os judeus de Roma confirmam que essa "seita" encontra oposição por toda parte (28,22).

Se somarmos todas as vezes que as 4 denominações examinadas ocorrem em Atos, chegamos ao número de 17 vezes.

Podemos assim concluir esta pesquisa: o Espírito Santo é a grande força consoladora e vivificante da Comunidade/Igreja (56 vezes). Ele atua no seio do POVO POBRE E DESPREZADO, objeto da misericórdia de Jesus, para fazer dele o núcleo atuante das Comunidades que crescem em número e em organização (17 vezes) e assim se tornam verdadeiras IGREJAS – ASSEMBLÉIAS DO SENHOR – *QAHAL* JAVÉ do Antigo Testamento (20 vezes).

Lucas teve então a preocupação de conservar, seja em sua origem, seja em sua estrutura diversificada, a realidade da Igreja como organismo vivo em formação, partindo de sua base social de pobres convertidos, animados pelo Espírito de Jesus, no pluralismo cultural e religioso do primeiro século. É importante que conservemos esta sensibilidade com este povo da base em sua diversidade social e cultural, sem contudo renunciar a viver a unidade essencial da Igreja como comunhão dos discípulos que vivem a proposta do Reino de Deus. Tentaremos tirar conclusões oportunas, no decorrer do artigo, mesmo sabendo que nessas conclusões se joga grande parte de nossas preocupações e sensibilidade pastoral, que nos faz partidários de um certo tipo de Igreja, mais do que de outro. Afinal isto é importante para iluminar o momento atual e buscar uma evangélica fidelidade ao Espírito de Jesus que fez nascer a Igreja.

2. A COMUNIDADE DE JERUSALÉM (At 1–5) – PROPOSTA ORIGINAL E DESAFIOS PARA A IGREJA

O Espírito Santo (16 vezes nestes 5 capítulos) desce sobre este grupo de GENTE SIMPLES (1,15) e o transforma em IGREJA (5,11). O capítulo 3 é uma retomada de Ex 3, na lembrança do Deus dos pais (3,13), na teologia do nome (3,16) e na releitura de Dt 18 e dos profetas, para concluir que "vocês são filhos dos profetas" e dos homens com quem Deus fez "aliança" (3,22-25). Está clara a continuidade entre o povo da antiga aliança e o povo de Pentecostes.

Em At 2 o Espírito Santo realiza o batismo do Espírito (1,5) na festa de Pentecostes. A profecia de Joel fala que no tempo messiânico este Espírito será derramado sobre todos os viventes, filhos e filhas, velhos e jovens, escravos e escravas: a finalidade desse derramamento é para que todos se tornem profetas. Isto acontece com a "plebe", o povo pobre e desprezado reunido no cenáculo: é transformado em comunidade profética. A linha do profetismo clássico do Antigo Testamento é assim retomada com todas as nuances do pós-exílio: profetismo do Servo de Javé, profetismo da casa, profetismo comunitário e de resistência popular. O mistério da Igreja consiste em assumir este profetismo comunitário a serviço do Reino de Deus e da sociedade humana.

Quando estão reunidos num mesmo lugar, no dia de Pentecostes, se verificam os sinais da antiga aliança – terremoto, vendaval... – e as línguas de fogo pousam sobre cada membro da Comunidade. O poder (*dynamis*) do Espírito Santo dado aos discípulos não é mediado por instituições, nem pela capacidade das pessoas, mas é uma força gratuita incontrolável, dá ânimo e coragem frente ao poder estabelecido e capacita as pessoas a enfrentar e transformar. O poder do Espírito é elemento fundante da comunidade cristã, da comunidade de Jerusalém e de qualquer comunidade, e nos é concedido pela adesão à Palavra. O poder do Espírito se manifesta na palavra, na *koinonia*, na *parresia* (destimidez, coragem) nos sinais e prodígios realizados. Estes eram os sinais do Reino colocados por Jesus: agora são sinais do Espírito de Jesus na comunidade cristã e na evangelização.

O texto diz que começaram a falar em outras línguas conforme lhes concedia o Espírito (2,4). Esta fala é dom – manifestação do Espírito Santo. Em 2,6 se diz que a multidão formada por vários povos, culturas (são elencados 17 grupos) se reuniu e ficou confusa porque cada um os ouvia falando em seu próprio dialeto. "Eles são Galileus e nós os ouvimos cada um em nosso próprio dialeto" (2,7-8); é a reação do pessoal ao discurso evangelizador de Pedro. "Cada um de nós em sua

própria língua os ouve anunciar as maravilhas de Deus" (2,11); é a frase que sublinha mais uma vez a percepção dos ouvintes maravilhados pelo anúncio inculturado em línguas diferentes.

Seja como for, o milagre de Pentecostes não pode ser confundido com o falar em línguas (estranhas) conforme 1Cor 14. O milagre de Pentecostes é proclamar as maravilhas de Deus de modo que os vários povos possam captar a mensagem "cada um em sua própria língua". Trata-se então da evangelização, da maneira de evangelizar: evangelizar inculturando o evangelho em outras línguas (culturas).

E aqui está então a missão do Espírito: diversificar a mensagem do único evangelho de Jesus Cristo, para que ele possa assumir as línguas diferentes, possa valorizar as culturas que também são uma primeira fala de Deus aos povos. Isso não é embriaguez de vinho doce... não há nada de adocicado na autêntica inculturação do evangelho. Mas é a realização da profecia de Joel. É o que tinha prometido Jesus em Jo 14,15-17 e Jo 16,7-15. O advogado defensor dos discípulos é um Espírito de profecia que denuncia o mundo e o príncipe deste mundo e explicita a própria missão de Jesus nas diversas situações e realidades das comunidades, ajudando os discípulos a continuar a prática do próprio Cristo na história.

O milagre das línguas é a primeira inculturação do evangelho feita pelo Espírito Santo. É a expressão do ecumenismo do Espírito. É a compreensão comunitária e comunicada culturalmente do projeto de Deus, valorizando culturas diferentes, enquanto diferentes. É portanto a união dos diferentes na comunicação cultural, realizando a comunhão.

Hoje, quando se fala muito em inculturação, percebemos que a dinâmica desse processo vem do Espírito de Jesus e foi testada pelos apóstolos na origem da Igreja. O próprio Paulo foi vítima de perseguição por parte dos judaizantes porque teve a coragem de levar a sério a inculturação do evangelho entre os pagãos. O Espírito Santo gera a Igreja através da pregação dos apóstolos. A Igreja nasce pela proclamação da Palavra de Deus: O Espírito de Pentecostes é a força profética que origina a proclamação da Palavra e realiza misteriosamente a sintonia da boa-nova anunciada por Pedro na compreensão inculturada dos vários dialetos. Os ouvintes se convertem e são batizados. Em At 1–2 o Espírito Santo faz dos apóstolos evangelizadores. Em At 4–5 o Espírito Santo faz dos mesmos testemunhas da ressurreição perante o povo, a multidão judaica do templo e os poderes constituídos que crucificaram Jesus. Começa o conflito do testemunho profético cristão, anunciando e experimentando a ressurreição.

Em At 5,11 aparece pela primeira vez o termo Igreja-*ekklesia* dentro do contexto marcado pelo "temor" que o povo tem dos apóstolos. Pedro denuncia Ananias por mentir ao Espírito Santo e este é punido com a morte. Como resultado desta punição, grande temor se espalhou por toda a Igreja. Poderíamos interpretar isto como um aviso para que se tome a sério a comunhão de bens como expressão de fidelidade ao Espírito de Jesus: é preciso coragem para testemunhar a partilha comunitária. Talvez por isso os estranhos não se atreviam a juntar-se ao grupo e o povo os elogiava muito (5,13). Lembramos o texto de 1Cor 11, em que reaparece o povo pobre e desprezado (fracos, enfermos, mortos...): uma comunidade para se tornar Igreja não pode conter em si divisões internas não resolvidas. Admitir isso seria anular a dinâmica da *koinonia* originada pelo Espírito, seria mentir ao Espírito, como diz Pedro a Ananias. O autor de Atos colocou aqui, pela primeira vez, o desafio para o povo-comunidade dos discípulos tornar-se Igreja. Tornar-se Igreja

significa favorecer honestamente o dinamismo de comunhão originado pelo Espírito, superando as divisões.

At 2,42-47; 4,32-37; 5,12-16 são três retratos diferentes da comunidade de Jerusalém. A força do Espírito de Jesus está moldando a fisionomia da Igreja. É a memória das origens que fixa os alicerces de uma eclesiologia centrada no anúncio do testemunho pascal assumido profeticamente e vivificada pela força do Espírito Santo que valoriza as culturas numa organização comunitária e participativa. A utopia desta primeira comunidade está centrada na Eucaristia, chamada significativamente "PARTIR O PÃO". Partir o pão fortalece a comunhão eclesial. Partir o pão é ao mesmo tempo sensibilidade para com os necessitados e força para superar a situação de necessidade criada pela injustiça. A eucaristia vai se distanciando do ritual sagrado do templo e sendo um símbolo comunitário, realiza-se nas casas de família, onde se vive o dia-a-dia da vida.

Isso remonta à prática de Jesus, como bem afirma Joaquim Jeremias. "A refeição comum é para os orientais garantia de paz, de confiança, de fraternidade; comunidade de mesa é comunidade de vida. A refeição com Jesus é ainda mais do que isso. Isso aparece de forma especialmente clara quando Jesus come com os pecadores e com os desprezados da sociedade... tornando esta ação simbólica oferecimento de salvação para os culpados e garantia de perdão" (citado no "Curso de verão", III, p. 89). Nos banquetes de Jesus ressuscitado com os discípulos, essa prática, carregada com todo o simbolismo de que se falou, consagra os participantes ao banquete como testemunhas qualificadas da ressurreição. Foi isto que aconteceu com os dois discípulos de Emaús, que o reconheceram ao partir do pão. É isto que afirma como critério Pedro no encontro com a família de Cornélio: "Deus, porém, o ressuscitou no terceiro dia a lhe concedeu manifestar a sua presença, não para todo o povo, mas para as testemunhas que Deus já havia escolhido: para nós, que comemos e bebemos com Jesus, depois que ele ressuscitou dos mortos" (At 10,41).

Na comunidade de Jerusalém percebemos a abundância do Espírito Santo (16 vezes nos primeiros 5 capítulos). O testemunho de *koinonia* e de coragem profética abala os poderes do sinédrio que reage jogando na prisão os apóstolos... mas o Espírito abre as cadeias, arrebenta as correntes e empurra sempre mais a realizar a evangelização. Por isso At 1–5 denuncia como parciais e redutivas várias eclesiologias que surgiram na história da Igreja, acentuadamente cristomonísticas, em que o grande ausente era o Espírito Santo.

De onde vem a força – *dynamis* – do Espírito? At 1,2.5.8 diz que o Espírito vem de Jesus: ele que acolheu os apóstolos movido pelo Espírito Santo os convida a se abrir ao batismo do Espírito que se realiza em Pentecostes. At 2,33 diz mais explicitamente: Jesus recebeu do Pai o Espírito prometido e o derramou. At 5,32 é a convicção profunda da Igreja nascente: "Nós e o Espírito Santo somos testemunhas dessas coisas". E este Espírito é concedido a quem obedece a Deus... a quem tem sensibilidade e obediência profética (que não é obediência disciplinar). Obedecer vem de *ob-audire* = esforçar-se para ouvir, sintonizar... "Ouça, Israel, Javé nosso Deus é o único Javé! Portanto ame a Javé com todo o seu coração, com toda sua alma e com toda sua força" (Dt 6,4). "Se hoje ouvirdes sua voz, não endureçais vosso coração..." (Sl 95,7-8).

"Quem tem ouvidos para ouvir, ouça o que o Espírito diz às Igrejas" (Ap 2–3) é o grande refrão repetido aos 7 anjos das Igrejas... Este ouvir está sintonizado na onda do "ouvir o clamor do povo", o grito dos pobres desde o Êxodo. Se a Igreja não souber ouvir, não poderá receber a força do Espírito.

3. MINISTÉRIOS EM ATOS

Os sinóticos falam que Jesus "constituiu o grupo dos doze, para que ficassem com Ele e para enviá-los a pregar, com autoridade, e para expulsar demônios" (Mc 3,14). Lucas acrescenta uma segunda missão realizada por Jesus quando escolheu outros 72 discípulos e os enviou dois a dois... (Lc 10,1). O mesmo Lucas em 8,1-3 especifica que "os doze iam com Ele, e também algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos maus e doenças...". Além desses dados o Evangelho de João nos apresenta a figura do discípulo amado em confronto com a figura de Pedro. Este mesmo Evangelho não lembra nenhuma missão específica dada por Jesus aos apóstolos, a não ser o encargo de apascentar confiado a Pedro em Jo 21. Em contrapartida João apresenta a missão evangelizadora desenvolvida pela Samaritana (Jo 4) e a missão de Maria Madalena de anunciar a ressurreição aos "irmãos de Jesus".

Esta diversidade panorâmica quanto a missões e ministérios organizados por Jesus nos obriga a usar um critério muito aberto para analisar o surgimento de ministérios, serviços e missões na Igreja das origens: a comunidade dos seguidores de Jesus prolonga o próprio ministério de Jesus. O Espírito Santo foi atuante e ajudou os responsáveis da comunidade a diversificar ainda mais estes ministérios. Os estudiosos acham que a partir do segundo século houve porém uma regulamentação desses quadros ministeriais, e são unânimes em afirmar que os relatos bíblicos, em sua grande maioria, são androcêntricos, isto é, escritos por homens a partir de sua visão masculina.

O termo "apóstolos" ocorre 28 vezes em Atos. Anciãos-presbíteros (comissão diretiva na comunidade de Jerusalém e nas comunidades fundadas por Paulo em sua primeira viagem) 10 vezes. Outras designações ministeriais são: profetas (= animadores de comunidade) e mestres (evangelizadores?)...

Em At 6 a força do Espírito faz surgir a *diakonia* no seio da comunidade de Jerusalém, ampliando com ela o trabalho de evangelização. Nos evangelhos os ministérios (missões) são criados de forma independente das estruturas do templo e da sinagoga. Parece que a frase de Natanael "O que de bom pode vir de Nazaré?" expressa esta decepção dos quadros dirigentes judaicos frente ao movimento de Jesus. Os ministérios criados por Jesus têm como origem a realidade simples e pobre do povo da periferia galilaica, valorizando inclusive a mulher tão marginalizada pela estrutura do templo.

Na Igreja das origens, o chão que faz diversificar a ministerialidade diaconal é a realidade conflitiva das viúvas de cultura grega e as queixas que surgem por causa do atendimento na distribuição da comida. O ministério de servir às mesas surge desta cotidianidade histórica conflitiva. A decisão para superar o conflito é tomada pelos doze, os quais, para continuar com o serviço da palavra e da celebração, aconselham a escolher sete homens de boa fama, "repletos do Espírito e de sabedoria". O resultado desta escolha é democrático: o grupo dos sete é "grego" (seus nomes são todos gregos) enquanto o dos doze é "judaico". Isto faz supor que o conflito de At 6 não é só econômico, mas também cultural. Fica a pergunta: por que não escolheram sete viúvas gregas? Talvez porque foram elas que originaram o conflito com as queixas? Ou a mentalidade judaica é ainda mais influente na comunidade de Jerusalém?

De fato Atos apresenta a liderança de Estêvão em conflito profético com os membros da sinagoga dos libertos. O Espírito é a origem dessa palavra profética e

destemida. A partir da sinagoga, o conflito chega a envolver o próprio sinédrio, torna-se teológico. E o serviço às mesas torna-se provocador contra o próprio sistema judaico. Estêvão acusa os líderes judaicos de sempre "resistirem ao Espírito Santo"... A comunhão de mesa dos cristãos desatrela a comunidade de Jerusalém da estrutura do Templo.

A Igreja de Jesus Cristo tem aqui pista de revisão para converter-se de sua servidão ao poder dominante. Nos últimos 30 anos de nossa história foram "apedrejados", assassinados e martirizados muitos líderes cristãos, muitos ministros da palavra... Suspeitamos que houve demasiada condescendência do centro da Igreja para com a raiva do poder opressor que "devastou" a Igreja latino-americana, e também uma falta de denúncia profética frente à "satanização" de nossos mártires perpetrada pelo sistema. Esses mártires, na sua quase totalidade, eram pessoas de boa fama, cheias de Espírito Santo e de sabedoria, lideranças que emergiram do chão das comunidades pela vitalidade do próprio Espírito que sopra na história.

Os detalhes do martírio de Estêvão fazem dele o "protomártir", o primeiro cristão qualificado, ministro da comunidade, a imitar Jesus até a morte (7,59-60). O serviço das mesas, assumindo as denúncias proféticas contra as estruturas de dominação religiosa do templo, se prolonga no martírio em que o diácono alimenta a comunidade com o testemunho do seu sangue e exige que as queixas e o clamor das viúvas pobres sejam escutadas.

At 8,1-3 fala de uma grande perseguição que espalha os discípulos pelas regiões da Judéia e da Samaria. Volta aqui pela segunda e terceira vez o termo "igreja" como realidade social e comunitária perseguida e devastada por Paulo. O termo igreja está então em relação com o "temor" e a "perseguição" em seu uso original, como sendo o prolongamento de Cristo crucificado e ressuscitado. A perseguição consegue expurgar da comunidade de Cristo divisões não resolvidas, tornando a própria Igreja perseguida uma sementeira missionária que espalha as sementes do evangelho fora da própria Judéia.

Os que se dispersaram dinamizaram o serviço da palavra. Samaria é evangelizada por Filipe. Baseados em At 21,8-9 podemos porém supor a presença de mulheres nesta missão evangelizadora, fato confirmado por Jo 4.

O autor de Atos evidencia na Igreja das origens o ministério petrino como ministério evangelizador e profético, que proclama destemidamente a Ressurreição de Jesus Cristo inclusive em suas implicâncias político-religiosas (obedecer a Deus antes que aos homens).

Em Cesaréia Marítima, uma cidade prevalentemente pagã, Pedro batiza o centurião pagão. Não é por sua iniciativa que ele toma esta decisão, rica de conseqüências para a missão posterior, mas obedecendo à iniciativa do Espírito Santo. É o Espírito Santo (o termo ocorre 10 vezes em At 10–11) que toma a iniciativa para incluir na Igreja os que pela tradição judaica são excluídos, os pagãos, sem passar pela Lei de Moisés. Deus não faz distinção de pessoas, mas lhe é aceito quem o teme (obediência profética) e pratica (*ergazomai* = trabalhar, não só pregar) a justiça.

O Espírito Santo precede e provoca o Batismo do centurião e sua família. Ele fura o esquema da traição judaica influenciando consciência e prática de Pedro. Em At 15 Pedro confirma Paulo e os demais irmãos da Igreja com o testemunho de sua experiência que cortou o cordão umbilical da Igreja de Jesus do útero da tradição de Moisés. De agora em diante a Igreja de Jerusalém é a Igreja fortemente enraizada na tradição judaica, influenciada pelo espírito dos fariseus que se tornará

o grande inimigo de Paulo, enquanto a Igreja de Antioquia se torna a Igreja missionária, aberta à conversão dos pagãos, comunidade jovem e dinâmica no anúncio da boa-nova de Jesus ao mundo da Ásia Menor, da Macedônia e da Acaia.

Para completar o quadro dos ministérios oferecido por Atos, em que, como dissemos, prevalece a leitura androcêntrica (= visão masculina), temos que analisar a organização nascente das Igrejas nas casas, onde aparecem também ministérios femininos. Em At 16,13-15.40 e At 18,2-4.18.26 aparece claramente a atividade missionária de mulheres e de casais que propagam a fé cristã e organizam as Igrejas nas casas. Lídia é a primeira coordenadora de comunidade cristã na Europa. A carta aos Romanos completa a compreensão deste quadro (16,1-16) mencionando diversas mulheres como "colaboradoras" (= *synergós* = trabalhar juntos, no duro trabalho da evangelização). A irmã Febe, *diakonos* da Igreja de Cencréia, deve ser recebida no Senhor como convém a cristãos (Rm 16,1). O que na tradução literal significa que Febe é *diakono*, isto é, líder que ministra a Eucaristia, celebrante, e não diaconisa, isto é, pessoa que ajuda os pobres e doentes. Júnia em Rm 16,7 é a única mulher do Novo Testamento chamada de "apóstolo" junto com o marido. Temos também os casais missionários Priscila e Áquila (At 18), Andrônico e Júnia (Rm 16,7), Filólogo e Júlia (Rm 16,15) etc. A função das mulheres em Atos (com dificuldade se pode falar de ministérios reconhecidos) é colocada na surdina. Mas se fala o suficiente para afastar a impressão de um monopólio exclusivo do varão na gestão da nova comunidade.

Nas CEBs hoje temos experiências bonitas no sentido de fazer florescer os ministérios protagonizados por leigos e leigas. Uma coisa é certa: seguindo os critérios de Jesus, sua prática original e a inspiração do Espírito Santo, devemos afirmar com clareza que os ministérios eclesiais nascem no chão da comunidade e devem ser cultivados neste chão. A primeira instância para a criação e diversificação dos ministérios da Igreja deve ser a própria comunidade. Isto para evitar uma dominação teológico-cultural atrelada ao poder dominante que amarra a própria Igreja, impedindo-a de realizar os serviços necessários na fidelidade ao Espírito Santo. É isto que se quer dizer hoje com o lema de formar uma Igreja TODA MINISTERIAL. A proposta, confrontada com a preocupação da ortodoxia e da fidelidade tradicional dos quadros dirigentes da igreja, pode soar revolucionária, mas é testemunhada pela experiência de Cristo e da Igreja primitiva.

4. A INCULTURAÇÃO DO EVANGELHO É OBRA DO ESPÍRITO

"Toda evangelização há de ser, portanto, inculturação do evangelho" (*Santo Domingo*, 13). "Há dois caminhos: um da vida e outro da morte. A diferença entre ambos é grande" (*Didaqué*, 1,1-2). Entre as duas afirmações decorrem dois milênios de tentativas de evangelização realizadas na história. Poderíamos dizer que há dois caminhos para evangelizar: um da vida e outro da morte. A diferença entre ambos é muito grande: um é o da inculturação e outro da integração ou exclusão. O primeiro consiste em seguir a Cristo para restaurar o rosto desfigurado do mundo, restaurando a identidade mutilada do outro como povo e como indivíduo. O segundo caminho, da incorporação/exclusão, destrói a alteridade pela homogeneização e torna o evangelho irrelevante e instrumento de dominação cultural frente ao diferente excluído e dominado.

A explosão do Espírito de Pentecostes pode ser avaliada como inculturação do evangelho a partir da preocupação de sensibilidade para com as culturas

indígenas, afro-americanas, inclusive com as massas de nossas periferias urbanas empobrecidas... como grupos prenhes de cultura. A "cultura adveniente", definida também como cultura da modernidade, por ser uma civilização com tendências universalizantes, não é uma cultura. "O sujeito da modernidade, com sua dupla cara de progresso e de miséria, não é um povo, com chão e história específica, mas a humanidade inteira. A modernidade, como civilização, é uma "caixa comum" alimentada pela contribuição de muitos povos. Os povos e grupos sociais servem-se desta caixa comum e pagam, geralmente, juros altos pelos empréstimos" (Paulo Suess, *O processo da inculturação*, p. 10).

Podemos concluir, talvez em forma um pouco forçada, que a diferença entre a cultura adveniente da modernidade e as culturas dos povos é a diferença que intercorre entre a torre de Babel (Gn 11) e Pentecostes (At 2). De fato a cultura é o lugar onde cada grupo social constrói coletivamente – na resistência permanente contra a morte – sua vida, estabelecendo um consenso sobre quem faz parte desta luta e sobre uma determinada qualidade de vida. A cultura, como lugar específico de tudo o que é humano, é o lugar da identidade e da diferença, o lugar de determinadas opções de vida. Os vários povos e grupos sociais elencados em At 2 como interlocutores da evangelização proposta por Pedro conseguem captar esta síntese profunda entre as maravilhas do Senhor, que são o evangelho da vida, e sua própria língua, linguagem cultural. O Espírito Santo é autor desta síntese. Assim o evangelho não é imposto nem manipulado: ele floresce como novidade no chão cultural de cada povo que entende e assume a proposta do Reino. Podemos concluir que os únicos agentes da inculturação do evangelho serão sempre e unicamente os sujeitos duma dada cultura e não os missionários que vêm de fora.

Na condição histórica dos grupos humanos não existe a possibilidade de uma inculturação perfeita do evangelho... pois a vontade de criar a cultura pura é a negação da história. Por outro lado o projeto da torre de Babel está em competição direta com Deus, fonte da vida (Gn 11,4-7), e representa os projetos idolátricos e totalitários que destroem a vida da humanidade. Em confronto com Babel, o Espírito de Deus que pairava sobre as águas e colocou em ordem a criação toma conta agora dos discípulos de Jesus, sustentando a palavra evangelizadora para colocar ordem e sintonia na confusão babélica das religiões e das culturas. A evangelização inculturada é este trabalho do Reino de Deus em profunda comunhão com as culturas dos povos e seus valores de vida. Assim o Espírito de Deus orienta os povos a ingressar na família de Deus, na comunhão trinitária que é a unidade na diversidade. Por isso o cristianismo é definido como a religião da alteridade, aberta para o pluralismo religioso que sempre provoca o diálogo.

A proposta do evangelho nas diferentes culturas exige uma presença solidária, amável, diferenciada e crítica, em que o missionário não perde sua identidade, pelo contrário, encontra sua identidade ao encontrar-se a si mesmo restaurado na transparência do projeto de Deus que transfigura a vida. Assim o evangelizador experimenta que pode tornar-se irmão e permanecer outro. Não podemos, porém, nos tornar irmãos, permanecendo opressores frente aos oprimidos. A dicotomia sócio-política rompe o projeto da fraternidade. A diversidade cultural pode enriquecê-lo. Toda amarração cultural privilegiada dificulta o nascimento de outros rostos de cristianismo. É o que se percebe na crítica dos judaizantes a Pedro quando batizou Cornélio.

A inculturação visa uma aproximação radical e crítica entre evangelho e culturas. Nesta aproximação, o milagre do Espírito Santo consiste em mudar o

esquema mental reducionista de Pedro (não chame impuro o que Deus purificou) para que possa caber o valor do Outro, diferente e inicialmente excluído como impuro. Operou-se uma transformação na consciência missionária de Pedro. Esta luz nova não atinge só o evangelizado, mas o evangelizador também e isto porque a fonte inspiradora da evangelização inculturada é o Espírito Santo agindo nos dois interlocutores do diálogo evangélico. Na evangelização inculturada a Igreja mostra que o diferente não lhe é indiferente, mas consagrado pela encarnação do Verbo e pela animação do Espírito.

"O campo cultural do outro é mais complexo que o campo social do pobre. Ambos os campos – social e cultural – estão interligados. A miséria social cresce em ruínas culturais. A inculturação visa, além da proximidade testemunhal, uma proximidade comunicativa, expressiva e celebrativa através de palavras, ritos e conceitos" (Paulo Suess, *O processo da inculturação*, p. 24).

A experiência de Paulo em Atenas (At 17,16-34) é uma tentativa pouco feliz, com êxito bem limitado, desta inculturação do evangelho no campo cultural da filosofia grega. Paulo preparou um discurso de aproximação comunicativa à filosofia grega partindo do deus desconhecido e chegando à conversão e ressurreição dos mortos. Neste momento a "resistência" filosófica entra em "curto" e torna-se impossível o diálogo. Faltou sem dúvida um deslocamento cultural no discurso de Paulo. A filosofia grega não pode assimilar o sentido da ressurreição da carne: o dualismo grego, o desprezo pelo corpo, está em contradição aberta com o pensamento bíblico e é incapaz de assimilar o mistério da encarnação, da ressurreição e da eucaristia.

Nesta altura percebemos o grande estrago operado pelos filósofos gregos que, virando teólogos cristãos, sem passar por uma autêntica *metánoia* (mudança de esquema mental), interpretam o pensamento bíblico com as categorias filosóficas gregas. Em vez de se realizar a inculturação do evangelho na cultura grega, verificou-se o contrário: a cultura grega estragou, deturpou, ideologizou o evangelho cristão. Paulo apóstolo se deu conta disso quando aprofundou a sabedoria da cruz. "De fato Cristo não me enviou para batizar, mas para anunciar o evangelho, sem recorrer à sabedoria da linguagem, a fim de que não se torne inútil a cruz de Cristo... Os judeus pedem sinais e os gregos procuram a sabedoria; nós, porém, anunciamos Cristo Crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os gregos" (1Cor 1,16-23).

Por servir ao evangelho da cruz e por não ser indiferente frente ao diferente, a Igreja latino-americana quer ser "pobre, missionária, pascal" (*Medellín*). Não aceita o lugar de juíza entre as partes e opta pelo elo mais fraco da corrente humana, o pobre crucificado. O Deus que se tornou próximo em Jesus Cristo, que nasceu na gruta e morreu na cruz, convida a levar a verdadeira religião aos povos, sem elevar a voz e sem olhar para a recompensa. Deus não castiga e não cobra. A radical gratuidade do seu evangelho é a garantia contra sua degradação ideológica. O Deus-Conosco não é um Deus corporativista. É um Deus próximo a pecadores e ateus, pagãos e não-cristãos. É uma presença de compaixão, diálogo e doação. Seu projeto de vida sacrifica a própria vida, não a vida dos outros. Seus mensageiros são "missionários da vida e da esperança" (*Santo Domingo*, 124).

Esta descoberta bíblica está em profunda sintonia com o credo da Assembléia do Povo de Deus em Quito (setembro 1992), expressão dum movimento ecumênico continental em oposição a toda dominação continental que dura mais de 500 anos. Os artigos deste credo são sem dúvida inspirados pelo Espírito de Jesus e merecem ser lembrados nesta nossa reflexão:

1º) Há um só Deus, sempre o maior, Pai e Mãe de todos nós, vivido na diversidade das culturas e na diversidade das pessoas dessas culturas. Este é o Deus libertador de todos os nomes, que está além das religiões.

2º) Esse nosso Deus tem um sonho que coincide com o maior sonho da humanidade: é o sonho da afirmação da vida no tempo para além do tempo (plenitude do tempo) e além da morte.

3º) O povo de Deus são muitos povos: são todas as pessoas, comunidades e povos que assumem esse sonho de Deus. Nenhuma Igreja particular pode arrogar-se a exclusividade de ser povo de Deus. Desse Povo se excluem os que não querem assumir o sonho de Deus.

4º) O verdadeiro ecumenismo é o macro-ecumenismo, como convite a realizar na história o sonho de Deus. Isso nos conduz não só a reconhecer a legitimidade das outras religiões, mas a validade das mesmas, pois na *oikoumene*, Casa do Pai, há muitas moradas. Se o mundo inteiro é feito nossa casa, temos que romper com os preconceitos e abraçar com muitos braços e corações o único Deus Maior.

5º) Deus e o seu Povo fazem a história com a consciência da pátria comum – a Pátria Grande América – construindo uma outra democracia.

CONCLUINDO: "CREIO NA IGREJA...?"

A fonte verdadeira que permanentemente faz nascer e cria a Igreja de Jesus Cristo na história é o Espírito Santo. Aqui na América Latina, em meio a grandes dores de parto, o Espírito está mostrando nova imagem de Igreja. E se há nova eclesiologia na América Latina é porque foi precedida de nova práxis eclesial, a práxis de uma Igreja libertadora coexistente com setores eclesiais de tipo colonial e da mais rançosa cristandade.

Os Atos dos Apóstolos são a primeira página da história da Igreja: graças à práxis dos apóstolos Pedro e Paulo, inspirados pelo Espírito do Ressuscitado, foi uma página de fidelidade no meio de muitos conflitos. O livro da história da Igreja conhece outras páginas... Hoje "nossa Igreja constitui grave obstáculo doloroso para muitos cristãos comprometidos: cala quando deveria falar, fala quando deveria calar, diz e não faz, reflete em seu meio a composição classista da sociedade e sucumbe, com demasiada freqüência, às tentações messiânicas de riqueza, prestígio e poder que Jesus Cristo rejeitou" (do livro de Victor Codina, *Seguir Jesus hoje*, p. 126).

Os padres da Igreja já tinham formulado uma teologia e uma catequese sobre o pecado da Igreja: a Igreja é santa e pecadora, "casta meretrix" (casta meretriz). "Deus entrega seu Filho nas mãos dos pecadores e confia sua Igreja a alguns homens pecadores personificados por Pedro", continua Codina à p. 129. O pecado da Igreja é um capítulo da Igreja dos pobres. Mas junto com a teologia da "casta meretrix", as primeiras gerações, como atesta Atos, vincularam a Igreja ao Espírito Santo e introduziram no credo batismal a menção da Igreja. A Igreja não é, como alguns pensam, o quarto objeto de fé junto com o Pai, Jesus Cristo e o Espírito Santo: nossa fé no Espírito, porém, se estende à sua presença ativa na Igreja. Não cremos na Igreja, mas no Espírito de Jesus que está especialmente presente na Igreja, que a dirige, fecunda, santifica e mantém unida, não a abandona nunca... A Igreja é, na expressão clássica, o lugar onde floresce o ESPÍRITO. Disto o livro dos Atos é, ao mesmo tempo, o primeiro grande testemunho e a memória

profética que questiona e purifica a Igreja no decorrer da história humana. A memória dos Atos coloca em nossos lábios a profissão de fé que surge nítida da práxis dos apóstolos de Jesus: "CREIO NO ESPÍRITO SANTO PARÁCLITO PRESENTE E ATUANTE NA IGREJA DE JESUS CRISTO. AMÉM!"

BIBLIOGRAFIA

CODINA, Victor. *Seguir Jesus hoje – da modernidade à solidariedade*. Edições Paulinas, São Paulo, 1993.

HADDAD, Antonio. Eucaristia. In *Curso de verão. III*. Edições Paulinas, São Paulo, 1989, p. 86-97.

MEDELLÍN. *II Conferência Geral do Espiscopado Latino-americano*. Secretariado Regional Sul 3 da CNBB, Porto Alegre, 1968.

SANTO DOMINGO. *Conclusões da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano – CELAM*. Edições Loyola, São Paulo, 1992.

SUESS, Paulo. O processo da inculturação – desafios e perspectivas. In *Fraternidade sacerdotal Jesus cáritas – subsídio das fraternidades sacerdotais do Brasil*. 1993, nº 91, p. 7-30.

Cláudio Dalbon
Caixa Postal 3551
Cidade Nova
69091-970 Manaus, AM